JOURNAL OF EDUCATION, SCIENCE AND HEALTH – JESH
Revista de Educação, Ciência e Saúde
DOI: https://www.doi.org/10.52832/jesh.v3i2.207
Home page: www.jeshjournal.com.br
e-ISSN: 2763-6119

A DIFERENÇA EM JOGO: PRIMEIRA JOGADORA TRANSEXUAL NA SUPERLIGA DE VOLEIBOL DO BRASIL

THE DIFFERENCE AT STAKE: FIRST TRANSSEXUAL PLAYER IN THE BRAZILIAN VOLLEYBALL SUPER LEAGUE

LA DIFERENCIA EN JUEGO: PRIMER JUGADOR TRANSEXUAL DE LA SUPERLIGA BRASILEÑA DE VOLEIBOL

Fabrício de Paula Santos

Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos (FUMEC). Especialista em Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência (UFJF). Doutorando em Educação (UFOP), Ouro Preto, Brasil.
Autor correspondente: fabricio_fps@yahoo.com.br

Recebido: 19/03/2023 | **Aprovado**: 13/05/2023 | **Publicado**: 27/05/2023

Resumo: Neste ensaio, pretende-se descrever e refletir sobre a representação e o preconceito no esporte, a partir da história de uma atleta transexual de voleibol, no alto rendimento. O texto pretende trazer para o debate as marcas da exclusão e da violência que deixam vestígios na pessoa transexual. É um ensaio de caráter descritivo e qualitativo. Os teóricos que sustentam essa discussão são dos estudos de cultura. Apesar das questões fisiológicas, principalmente na questão de força muscular que envolvem a problemática sobre a atleta, sugerindo que ela poderia ter uma vantagem sobre as mulheres cisgênero, a grande discussão e reflexão neste ensaio não é por esse viés, apesar de ser importante. Aborda e problematiza sobre a representação de uma atleta transexual no meio esportivo e quais foram os caminhos tortuosos, por ela passado, para chegar até o alto rendimento. Pude inferir que a discussão sobre a representação e o gênero transexual no esporte não está fechada e deve estar em pauta. Que o preconceito e a discriminação que a mulher transexual sofre no meio social, sobretudo no esporte, ainda é uma realidade dura e recorrente. Porém, todo esse cenário abjetista, de preconceito, desrespeito e desigualdade deve ser pensado, alterado e problematizado o quanto antes.

Palavras-chave: Preconceito. Transexualidade. Esporte.

Abstract: In this essay, we intend to describe and reflect on the representation and prejudice in sport, based on the story of a transsexual volleyball athlete, in high performance. The text intends to bring to the debate the marks of exclusion and violence that leave traces in the transsexual subject. It is a descriptive and qualitative essay. The theorists who support this discussion are from cultural studies. Despite the physiological issues, especially the issue of muscle strength that involve the athlete's problem, suggesting that she could have an advantage over cisgender women, the major discussion and reflection in this essay is not due to this bias, despite being important. It addresses and discusses the representation of a transsexual athlete in sports and what were the tortuous paths she went through to reach high performance. I could infer that the discussion about transsexual representation and gender in sport is not closed and should be on the agenda. That the prejudice and discrimination that transsexuals suffer in the social environment, especially in sports, is still a harsh and recurrent reality. However, this whole abject scenario of prejudice, disrespect and inequality must be thought about, changed and problematized as soon as possible.

Keywords: Prejudice. Transsexuality. Sport.

Resumen: En este ensayo pretendemos describir y reflexionar sobre la representación y el prejuicio en el deporte, a partir del relato de una atleta transexual de voleibol, en alto rendimiento. El texto pretende traer al debate las marcas de exclusión y violencia que dejan huellas en el sujeto transexual. Es un ensayo descriptivo y cualitativo. Los teóricos que apoyan esta discusión son de los estudios culturales. A pesar de las cuestiones fisiológicas, especialmente la cuestión de la fuerza muscular que involucran el problema de la atleta, sugiriendo que ella podría tener una ventaja sobre las mujeres cisgénero, la mayor discusión y reflexión en este ensayo no se debe a este sesgo, a pesar de ser importante. Aborda y discute la representación de una atleta transexual en el deporte y cuáles fueron los caminos tortuosos que atravesó para alcanzar el alto rendimiento. Podría inferir que la discusión sobre la representación transexual y el género en el deporte no está cerrada y debería estar en la agenda. Que el prejuicio y la discriminación que sufren las personas transexuales en el

entorno social, especialmente en el ámbito deportivo, sigue siendo una dura y recurrente realidad. Sin embargo, todo este escenario abyecto de prejuicios, irrespetos y desigualdades debe ser pensado, cambiado y problematizado cuanto antes.

Palabras-clave: Prejuicio. Transexualidad. Deporte.

1 INTRODUÇÃO

A temporada 2017/2018 da superliga feminina de voleibol entrou para a história do cenário esportivo nacional e internacional. Naquele ano acontecia a participação da primeira jogadora transexual no principal campeonato de voleibol do Brasil. Este fato trouxe e, ainda nos dias atuais, traz discussões e reflexões que vão além dos aspectos biológicos e fisiológicos dos atletas transgêneros. Versam também sobre a identidade, a representação e o gênero no âmbito esportivo.

Tifanny Abreu, a atleta de voleibol transexual, recebeu autorização da CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) para participar da edição 2017/18 da superliga nacional de voleibol. Tal decisão foi tomada pela CBV através da Jurisprudência do COI (Comitê Olímpico Internacional) que, em 2015, lançou um relatório contendo as exigências para que atletas transexuais pudessem competir nas categorias relativas ao seu gênero (Committee, 2015). Esse relatório foi fruto de uma reunião de vinte especialistas para atualizar as regras do Consenso de Estocolmo, no encontro denominado "Reunião de Consenso do COI sobre redesignação sexual e hiperandrogenismo". Foram discutidos os principais dados científicos sobre a reatribuição sexual nos esportes refletida nas leis de muitas jurisdições ao redor do mundo (Garcia & Barbosa).

Os especialistas, nesse encontro, tinham como base científica um estudo conduzido pela doutora e médica Joanna Harper, que foi publicado no *Journal of Sporting Cultures and Identities* (Harper, 2015). O estudo acompanhou durante sete anos o desempenho de oito atletas trans em provas de corrida de longas distâncias (entre 5 e 42km), antes e após a transição e submissão à terapia de reposição hormonal cruzada. Concluiu que, depois dos tratamentos hormonais, as mulheres trans perdem resistência, velocidade e força muscular, ficando com níveis de testosterona iguais aos de mulheres que nunca passaram pelo processo. Cabe salientar que a amostra do estudo foi baixa, o que comprometeria sua aplicabilidade para grandes populações nas mesmas condições, e restrito apenas às provas de corrida. A autora sugere novos estudos nessa temática para gerar contraponto a este estudo e haver um consenso maior nessa temática.

As diretrizes especificas para atletas transgêneros competirem que transitam do masculino para o feminino, determina que uma atleta transgênero estará autorizada a disputar competições de alto rendimento entre mulheres desde que não produza uma quantidade de testosterona que ultrapasse 10 nanomol por litro de sangue, nos doze meses anteriores à competição. Essas atletas também passam por exames regulares e estão sujeitas a serem excluídas das competições, caso o nível de testosterona da atleta ultrapasse o limite fixado pelo COI. A atleta também deve ter declarado que sua identidade de gênero é feminina. A declaração não pode ser alterada, para fins desportivos, por um período mínimo de quatro anos (Committee, 2015).

Foi através dessas diretrizes do COI, de 2015, que a FIVB (Federação Internacional de Voleibol) e a CBV autorizaram a atleta a atuar no voleibol brasileiro feminino. Depois de passar por testes específicos, a atleta estava apta a participar da superliga, uma vez que cumpria com as exigências dos órgãos regulamentadores do

voleibol. Sendo amparada pelas leis que regem o esporte em pauta, Tifanny fez sua estreia na competição no dia 10 de dezembro de 2017, defendendo a equipe do Bauru Vôlei/ São Paulo. Após sua estreia, vários jogadores, médicos, técnicos e pessoas anônimas começaram a se pronunciar, através de meios de comunicação, sobretudo em redes sociais. Alguns desportistas criticaram a participação de Tifanny na competição, como o caso da ex-atleta da seleção Brasileira de Voleibol, Ana Paula. A atleta escreveu uma carta aberta, publicada no jornal Estadão, em 2017, jornal digital, tendo como justificativa a defesa das modalidades femininas dos esportes profissionais. Ana Paula, em sua carta, diz ser contra a participação da atleta por motivos fisiológicos, nomeando o caso da atleta Tifanny de golpe da testosterona.

A revista Veja publicou, no dia 16 de dezembro de 2017, uma reportagem sobre o caso da jogadora Tifanny, apontando, a partir desse caso, algumas questões sobre gênero, representação e identidade no esporte. A matéria com o título "Tifanny, a primeira trans na superliga feminina: o amor vencerá", informa que a atleta vislumbra menos preconceito no esporte. Tyfanni, através dessa entrevista, relata, dentre outros assuntos, a sua luta contra o preconceito. Conta como foi sua transição após a cirurgia de redesignação sexual, realizada em 2012.

Nesse sentido, torna-se importante pensar sobre estigmas, estereótipos e preconceitos que sustentam negação e discordância à presença de pessoas/atletas transgêneros no espaço esportivo. Esse ensaio, de caráter descrito e qualitativo tem como objetivo discutir e refletir sobre a representação, a identidade e preconceito no esporte, em especial, com o atleta transgênero. Os teóricos que sustentam essa discussão são do campo estudos culturais.

1.1 Do afeminado para transexualidade: as marcas dessa transição

Estamos vendo emergir no esporte novas representações de sujeitos que estão quebrando alguns paradigmas e valores construídos culturalmente. Essa "nova" representação do sujeito, aqui marcada pela pessoa transexual, que antes era impensável no esporte, afronta a hegemonia da heteronormatividade, ou seja, vai além da lógica binária: masculino/ feminino, homem/mulher, macho/fêmea.

> A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. (Butler, 2010, p. 153-154).

A identidade é definida, culturalmente, pelo "sexo" ou gênero de nascimento. Os estudos relativos ao conceito de identidade, segundo a proposta de Hall, desconstroem a ideia de uma identidade integral, originária e unificada, e estabelecem a "tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas" (Hall, 2000, p. 105). Para Silva (2014), as sociedades são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes sujeitos, isto é identidade. Para

pensarmos sobre identidade, devemos levar em consideração a discussão sobre seu conceito, desconstruindo essa questão de identidade integral, originária e unificada. Ou seja, a identidade não é pronta, fixa e acabada.

> A concepção binária do sexo, tomado como 'dado' que independe da cultura, impõe, portanto, limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsoria de sexualidade. As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. (Louro, 2008, p. 82).

A lógica binária de representação de sujeito, através do gênero, não deve ser pensada ou pautada como imutável e fixa, pois estaremos marginalizando, por exemplo, os homossexuais (Hall, 2016). Se voltarmos o olhar para o esporte, a classificação binária é fortemente marcada, pois é necessário para validar o processo competitivo. Neste sentido, homens competindo contra homens e suas regras especificas e mulheres competindo contra mulheres da mesma forma, a fim de promover a igualdade e a justiça na competição esportiva. Partindo da situação em questão, onde uma atleta transexual vai competir com mulheres cisgênero[1], quebra todo esse paradigma da lógica binária imutável e fixa do nascimento até a morte.

A ideia da oposição binária, segundo Bhabha (2005), expõe e desloca essa lógica, através da diferença, abrindo a possibilidade de um hibridismo cultural, que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta. O regime de representatividade do diferente apresenta um conjunto de práticas conhecidas como estereotipagem. De acordo com Hall (2016), a estereotipagem enquanto prática de reprodução de significados é importante para a representação. Portanto, o estereótipo classifica o que é normal / anormal e exclui tudo que não cabe, o que é diferente, tudo que não lhe pertence.

> A estereotipagem, em outras palavras, é a parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o "pertence" e o que não pertence ou é o "Outro", entre pessoas de dentro e "forasteiros", entre nós e eles (Hall, 2016, p. 192).

O referido autor discute as práticas representacionais que ele chama de "estereotipagem", principalmente através do racismo. No capítulo *o espetáculo do outro*, Hall (2016) traz a reflexão sobre a cultura popular contemporânea, evidenciando o diferente como tema importante. O autor, ao comparar imagens publicadas pelas mídias que reforçam o estereótipo do negro ligado ao racismo e à escravidão, questiona: os repertórios da representação em torno da diferença e da alteridade mudaram ou as características anteriores permanecem na sociedade contemporânea? Afirma que a diferença está marcada principalmente pelos estereótipos.

A forma como é interpretada, a diferença, é uma preocupação constante e recorrente na representação de pessoas que se apresentam, socialmente, de maneira divergente.

> Como representamos as pessoas e os lugares que são significativamente diferentes de nós? Por que a "diferença", sendo um tema tão atraente, é uma área da representação tão contestada? Qual o fascínio secreto da alteridade [...]? Quais são as formas típicas de práticas utilizadas atualmente na cultura popular para representar a "diferença" e de onde vem essas figuras e estereótipos populares? (Hall, 2003, p. 139).

[1] O prefixo latino cis significa "mesmo lado.

Refletindo sobre a ideia do estereótipo, que está muito marcado pelo preconceito e discriminação, a atleta Tifanny relata:

> Os que falam mal não entendem, são tão ruins de coração que, quando a pessoa é gay, novinho e afeminado, chamam de mulherzinha. Aí cresce, realmente era uma mulher por dentro, vira trans e chamam do quê? De homem! Vão sempre atacar ao contrário. Então, se não gosta, não venha no ginásio, não ligue a televisão. Porque eu não estou fazendo nada, não matei ninguém. E não sou homem. Se eu tivesse a força de um homem, não estaria jogando no feminino, não teria a liberação. Talvez falem por preconceito ou por ciúme, por não terem chegado onde cheguei (Tifanny, 2017).

O estereótipo, portanto, faz parte do contexto cultural e que muitas vezes exclui e marginaliza o diferente. Todo esse discurso de preconceito e discriminação, vindo do estereótipo, afeta de forma impiedosa as minorias. Deve-se levar em consideração também que, se compararmos um garoto afeminado, desde a infância, que tem preferências por hábitos femininos, com um menino não afeminado, jogador de futebol, que tem preferência em fazer sexo com meninos, este último, apesar de passar por algumas repressões na vida cotidiana, nunca terá as marcas de agressão e ofensas que o menino afeminado terá diariamente (Solomon, 2013). O afeminado, além de sofrer essas marcas de marginalidade, ainda pode sofrer com a aceitação nos locais de trabalho. Sobre esse fato, a atleta relatou:

> Se alguém perguntasse, eu falava. Tanto que quando fiz um teste num clube paulista, um diretor disse que não queria homossexual no time. Fui reprovada e fiquei assustada. Um colega disse que fiquei fora por ser muito feminina. O técnico ficou de coração partido, porque não se importava, pensava no jogador (Tifanny, 2017).

Toda essa discriminação pela qual passa o transexual dentro de todas as relações sociais afirma que o gênero / sexualidade de nascimento, através da heteronormatividade, ainda prevalece como determinante socialmente. O gênero está entre os primeiros elementos do autoconhecimento. Esse conhecimento encerra uma percepção interna do eu e, com frequência, uma preferência por comportamentos externos, como vestimentas ou tipos de brincadeira (Salomon, 2013). Na cultura do nosso país, por exemplo, meninos nas aulas de Educação Física praticam futebol como sinônimo de virilidade e masculinidade e as meninas praticam queimada ou voleibol como sinônimo de feminilidade. Assim sendo, os meninos afeminados, ou não, que praticam voleibol e as meninas masculinizadas, ou não, que praticam futebol, estão no contrafluxo das regras sociais estabelecidas culturalmente ao gênero e à sexualidade, causando estranhamento e até mesmo repúdio das outras pessoas. A partir disso, no esporte, vem para os meninos transviados, o corretivo esportivo e, para as meninas, o corretivo do ballet.

> A cultura ocidental aprecia a dualidade: a vida parece menos assustadora quando podemos separar o bem e o mal em pilhas distintas, quando separamos a mente do corpo, quando os homens são masculinos, e as mulheres, femininas. As ameaças ao gênero são ameaças à ordem social. Se as regras não são respeitadas, tudo parece permitido, e Joana d'Arc deve ir para a fogueira. Se permitirmos que as pessoas cortem seus pênis e peitos quando quiserem, que possibilidade teremos de manter a integridade de nosso próprio corpo? (Solomon, 2013, p.483).

Mas, afinal, qual a definição de transexual? Segundo Solomon (2013), o termo "transexual" normalmente se aplica ao indivíduo que se submeteu à cirurgia ou tomou hormônios para ajustar o corpo a um gênero diverso

daquele com o qual foi identificado quando nasceu. Esse foi o caso da atleta Tifanny, que além de ter sido submetida à cirurgia de redesignação sexual, também faz o controle hormonal para manter o nível de testosterona abaixo de 10 nanomol/litro de sangue. Segundo a atleta, ela faz controle mensalmente das taxas hormonais. Já o termo "transgênero" é abrangente e se aplica a qualquer pessoa cujo comportamento se distancia de maneira significativa das regras aceitas para o genro indicado pela anatomia dessa pessoa ao nascer (Solomon, 2013).

"Eu me sinto melhor agora, antes não conseguia me olhar no espelho, não me achava bonita, não conseguia ter um relacionamento" (Tifanny, 2017). Percebemos, por meio da fala da atleta, que a intenção de fazer a cirurgia não era puramente para ser atleta de alto rendimento, e sim, aceitar seu corpo de forma total e plena. Fazer a cirurgia, neste contexto, seria reconhecer seu gênero através do corpo feminino. Colocamos aqui, através da transexualidade, o corpo como forma de representação da identidade, pois é através dele que grande parte desta se constrói.

Para Silva (2014), as sociedades são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes sujeitos, isto é identidade. Para pensarmos sobre identidade, devemos levar em consideração a discussão sobre seu conceito, desconstruindo essa questão de identidade integral, originária e unificada. Ou seja, a identidade não é pronta, fixa e acabada.

De acordo com Bauman (2005), as identidades são tão instáveis quanto todas as coisas do mundo, exigindo que os sujeitos mantenham a flexibilidade e a velocidade para se adaptarem às mudanças constantes. O autor também associa a identidade com o pertencimento a uma cultura ou uma nação, ou seja, seria construída também por meio da sociedade. Portanto, nós já nascemos, segundo o autor, com várias identidades. As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (Bauman, 2005, p. 19).

As ideias do autor apresentam a identidade como construção social, sendo flexível e pertencente a uma cultura. Sendo assim, a identidade, portanto, torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2015).

Em consonância a essa ideia de identidade, Foucault (1998) coloca o sujeito em uma nova posição: descentrada ou deslocada, questionando o pensamento de rigidez das identidades. O autor ainda coloca que a identidade é transitória de acordo com a cultura em que vive. Através do discurso sobre cultura e transexualidade, a atleta Tifanny diz que antes de jogar no Brasil, jogou uma temporada na Europa, especificamente na Itália. A atleta falou sobre como foi recebida na Itália e posteriormente no Brasil, apesar da diferença cultural:

> Palmi... O que falar dessa cidade? Quando cheguei disseram para ir com cuidado, porque o sul da Itália tem a cabeça fechada. Gente, se o sul da Itália tem a cabeça fechada, imagine o norte! Nunca recebi tanto amor na minha vida. As pessoas me paravam na rua, as crianças me chamavam. Depois, muitos falaram para ter cuidado ao chegar ao Brasil. E aqui recebi o mesmo carinho. Temos de esquecer o medo, porque o amor está mais forte. Quando há críticas, há mais comentários de gente criticando quem criticou...

> Então, eu não vou me preocupar com essas pessoas. Tenho de me preocupar se meu técnico acha que estou bem, com as meninas do meu time, com quem está me dando apoio, com o meu trabalho. Não estou aqui porque sou trans. Primeiramente sou trans, o trabalho vem depois. Tenho nível para jogar uma Superliga. Se não tivesse, não jogaria (Tifanny, 2017).

Com isso, a atleta diz, em um contexto geral, que foi bem aceita na Itália e no Brasil. Em contrapartida, antes de realizar sua cirurgia de redesignação sexual, a atleta jogou uma temporada na Bélgica, ainda no voleibol masculino, contudo, jogava maquiada e já tinha cabelão. Lá encontrou problemas com essa representação diferente do gênero masculino:

> Meu clube me aceitou, eu poderia ser quem eu era. Ia para o treino maquiada. No nosso ginásio, todos me conheciam, mas em jogos fora viam uma mulher na quadra e se impressionavam com meu jogo. Mas na Bélgica tive problemas. Cancelaram minha inscrição até a Federação Internacional atestar que era atleta masculino até terminar totalmente minha mudança (Tifanny, 2017).

Paradoxalmente, a atleta hoje faz exames para atestar os parâmetros fisiológicos femininos. Sendo assim, as identidades são influenciadas pela cultura e pela sua representação, sendo o papel chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais (Silva, 2014). Portanto, a identidade está relacionada com a cultura, com a história e não com o que somos, mas com o que nos tornamos e como nós nos representamos.

Já para Appiah (1997), muitas construções de identidades surgem como meios de se criar alianças ou de sustentar objetivos que visem o favorecimento de alguns grupos em detrimento de outros. Ou seja, para haver uma representação, deve haver um grupo hegemônico, dominante. O autor também levanta a questão da discriminação e preconceito utilizando-se da identidade dos negros através do racismo. Segundo Hall (2015), a nova identidade é definida historicamente e não biologicamente, fazendo uma ruptura nos discursos sociais. Ao mesmo tempo, temos a representação do sujeito através de símbolos e significados que a identidade e a cultura constroem. Sobre a representação das diferenças que ultrapassam o reflexo de traços culturais preestabelecidos, destacamos:

> De que modo se formam sujeitos nos 'entre-lugares', nos excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça/ classe/ gênero, etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder no interior de pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (Bhabha, 2005, p. 20).

O autor nos remete a mundos desiguais, ao campo da diferença e a como o novo século configura novas condições complexas da cultura: como identidade, inclusão, exclusão. Para Bhabha (2005), nesse novo contexto social plural, diminui o distanciamento entre classes ou gêneros, a partir das diferenças culturais. Esses novos signos de identidade inovam ou contestam os modelos tradicionais de sociedade, através da representação. Sobre a representação do transexual no voleibol feminino, a atleta pontuou:

> Por enquanto sou apenas uma jogadora, mas também sou uma representante. Só não posso misturar. Porém, quando não estou dentro da quadra, levo uma bandeira. De orgulho, de que nós também podemos, somos normais. De que não é por ser homossexual ou transexual que não pode fazer parte da sociedade. Mesmo quando estou na quadra, todo mundo sabe que ali existe uma pessoa especial. Não por ser diferente, mas por ser aceita como é. E agradeço muito toda a comunidade LGBT. Recebi muito

> carinho das meninas trans, dos gays, das lésbicas e também dos simpatizantes. Muitos héteros estão me apoiando. É sinal que o país está evoluindo, mostrando mais amor. Se eu pudesse, abraçaria cada um. Depois do jogo ou na rua, se alguém vem falar comigo, sempre atendo (Tifanny, 2017).

Percebe-se, através do relato da jogadora, que sua representação no esporte, através da transexualidade, está sendo analisada, vista, repercutida e repensada pela sociedade, ajudando, de certa forma, a desconstruir os paradigmas e os rótulos que os transexuais carregam. Desconstrói um mundo marginalizado sob a marca de um preconceito manifesto, que ainda exclui o transexual do mercado de trabalho e de oportunidades de acesso à educação.

A influência da construção social acerca do preconceito e da discriminação do transexual é uma marca que vem desde a infância, pois quando a criança começa a apresentar desejos por objetos do universo do gênero oposto, os pais podem se confundir entre a cura, que segundo alguns psicólogos e psiquiatras colocam como solução, ou como aceitação.

> Como toda criança trans, muito feminina, sofri muito preconceito. Faziam piadinhas e me chamavam de menininha, viadinho. Ao mesmo tempo que me incomodava, deixava de lado. Com o tempo percebi que estava me afetando. Amigos fizeram brincadeiras que me machucaram e precisava fazer alguma coisa para tirar esse lado feminino. Decidi que iria me tornar alguém importante e que seria no esporte (Tifanny, 2017).

Para Solomon (2013), é uma pobreza da nossa língua usar a palavra sexo para designar tanto o gênero quanto o ato carnal, e dessa confluência infeliz deriva grande parte do mal-estar vinculado à noção de criança transgênero. Ser trans é visto como depravação, e as depravações infantis são anômalas e perturbadoras, remetem ao patológico. O autor ainda coloca que as crianças trans não estão manifestando sexualidade, estão manifestando gênero. A questão não é com quem elas desejam estar, é quem elas desejam ser.

> Desde criança eu já sabia que iria ser menina. E quem me conhecia sabia que me vestia de menina quando estava sozinha... Aos 19 anos, quando eu saía e me questionava porque não tinha vontade de ficar com ninguém, um amigo dizia: "Porque você tem sangue de mulher, cabeça de trans, vê os homossexuais como amigos". Eu me perguntei o que iria fazer da minha vida. Ele disse que eu só teria uma vida com homens heterossexuais quando me tornasse mulher (Tifanny, 2017).

Entendemos assim, que o gênero tem a ver com quem a pessoa é, diferentemente de uma patologia. Essa reflexão sobre associar as questões de gênero a doenças foi questionada também pela psicanálise, que se distanciou da abordagem que considera, por exemplo, a homossexualidade como patologia (Ambra, 2016). Nesse sentido, temos muito que aprender com todos aqueles que sofreram a experiência efetiva/afetiva da marginalidade social, como negros, homossexuais, transexuais etc... Fazendo refletir sobre como a representação da minoria é marcada em nossa sociedade, o discurso de Bhabha (2005) passa tanto pelo questionamento da noção consensual de comunidade cultural, como os discursos transgressores e de representação equivocada (sobre mulheres, negros, homossexuais e migrantes de terceiro mundo). Por fim, o transexual, dentro do contexto social, ainda carrega marcas de discriminação, preconceito e marginalização que agrava a dificuldade do transexual em ser aceito em determinadas situações.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, através deste ensaio, que a discussão sobre a representação e o gênero transexual no esporte não está fechada e deve estar em pauta. Após o surgimento da atleta Tifanny no cenário esportivo nacional, fez-se necessária uma discussão sobre como essa nova representação está sendo marcada, discutida e evidenciada, através do discurso das minorias, na sociedade. Deve-se considerar também que os paradigmas construídos culturalmente, através da heteronormatividade, são questionados ou desconstruídos nesta perspectiva.

Apesar da mídia enfatizar muito o caso Tyffani em questões fisiológicas, principalmente, na questão de força muscular, sugerindo que ela poderia ter uma vantagem sobre as mulheres cisgênero, a grande discussão e reflexão que foi neste ensaio não é por esse viés, apesar de ser importante. Aborda e problematiza sobre a representação de uma atleta transexual no meio esportivo e quais foram os caminhos tortuosos, por ela passado, para chegar até o alto rendimento. Considera-se também que o preconceito e a discriminação que a pessoa transexual sofre no meio social ainda é uma realidade dura. Porém, todo esse cenário abjetista, de preconceito, desrespeito e desigualdade deve ser alterado o quanto antes.

Evidencia-se que muitas barreiras, dificuldades e obstáculos foram vencidos pela atleta até chegar ao alto rendimento, mas, provavelmente, estes ainda não serão os últimos em sua carreira. Por fim, a transexualidade ainda é um tema complexo a ser discutido no embate cultural, social e fisiológico, pois existe uma complexidade de situações nesse tema que compõe o cenário em questão.

Conflitos de interesses

O autor declara que não há conflito de interesse, estando ciente quanto à submissão do artigo.

Contribuições dos autores

O autor foi responsável pela redação do manuscrito e formatação do mesmo para atender as exigências da revista *Journal of Education, Science and Heatlth.*

REFERÊNCIAS

Appiah, K. A. (2016). Na casa de meu Pai. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Revista Periódicus*, 1(5), 101–120. https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17179.

Butler, J. (2010). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo" (Trabalho original publicado em 1993). In Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (T. T. da Silva, trad.). (3 ed.) (pp. 153-172). Belo Horizonte: Autêntica.

Bauman, Z. (2005). *Identidade***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Beagá, F. (2017). Tifanny, primeira trans na superliga feminina: O amor vencerá. *Revista Veja***,** editora Abril, publicado em 16 de dezembro. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ esporte/tifanny-primeira-trans-na-superliga-feminina-o-amor- vencera/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

Bhabha, H. K. (2005). O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte.

Committee, I. O. (2005). IOC Consensus Meeting on Reassignment and Hyperandrogenism. IOC Consensus Meeting on Reassignment and Hyperandrogenism. *Lausanne***:** [s.n.]. 2015. p. 1/3.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (M. T. da C. Albuquerque, trad., J. A. G. Albuquerque, rev. técnica), (15a ed.) Rio de Janeiro: Edições Graal.

Garcia, R. M. & Pereira, E. G. B. (2021). As recomendações para a participação de atletas transgênero no esporte. *Motrivivência***.** Florianópolis. 33 (64), 01-20. https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e81355.

Hall, S. (2003). Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, L. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG. p. 199-218.

Hall, S. (2003). Quem precisa da identidade? In: Silva, T. T. (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Hall, S. (2016). Cultura e representação/ Stuart Hall; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: ed. Puc-Rio: Apicuri.

Hall, S. (2015). *A identidade cultural na pós modernidade*/ Stuart Hall; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina.

Harper, J. (2015). Race Times for TransgenderAthletes. *Journal of sporting cultures and identities*, 6(1), 1–11. http://doi.org/10.18848/2381-6678/CGP/v06i01/54079.

Louro, G. L. (2008). *Um corpo estranho* – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizontes: Autêntica.

Silva, T. T. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/ Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Katryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Solomon, A. (2013). *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras.